

Música na estação

Conjunto cultural no bairro da Luz preserva o patrimônio histórico e ajuda a melhorar o entorno

Em 1998, a Associação Viva o Centro foi a vencedora do Prêmio ECO na categoria Participação Comunitária com o programa Ações Locais. Neste ano, ganhou novamente, agora na área de Cultura, com o projeto Implantação do Complexo Cultural Estação Júlio Prestes, que transformou a praticamente desativada estação ferroviária da Sorocabana na melhor sala de concertos da América Latina e contribuiu para recuperar uma das áreas mais degradadas do Centro de São Paulo.

O programa da Associação Viva o Centro incluiu os projetos de restauração e reciclagem do edifício para abrigar a Sala São Paulo e a sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, os estudos urbanísticos do entorno – a região da Luz – e a publicação do livro *Pólo Luz – Sala São Paulo, Cultura e Urbanismo*. Os patrocinadores são Telefônica, Nossa Caixa-Nosso Banco e BankBoston com o apoio do Ministério da Cultura.

“O Complexo Cultural Júlio Prestes foi resultado de uma bem articulada parceria entre o poder público, idealizador e principal financiador das obras, e de empresas que patrocinaram nossa entidade para o desenvolvimento dos proje-

tos de arquitetura e engenharia”, explica Marco Antonio Ramos de Almeida, presidente da diretoria executiva da Associação Viva o Centro.

Criada em 1991, a Associação Viva o Centro é uma organização não-governamental, mantida por contribuições de um quadro de associados, que tem como finalidade a revitalização da área central de São Paulo, em processo de deterioração, com a perda de empresas e moradores. Além de sua importância histórica e cultural, o Centro continua sendo um espaço vital para a cidade.

Embora ocupe uma área que corresponde a somente 0,5% do município, concentre apenas 11% dos empregos e reúne 55 mil residentes – população equivalente à da cidade de Registro, no Vale do Ribeira –, é destino de 22% das viagens de ônibus e recebe diariamente cerca de 2 milhões de pessoas.

O projeto nasceu do desafio, traçado pelo governo do estado e pelo maestro John Neschling, de dar à Orquestra Sinfônica estadual um padrão de qualidade internacional. Neschling foi eleito pelos próprios músicos para o cargo de diretor artístico da orquestra, vago com a morte de Eleazar de Carvalho. Um



Pólo cultural nasceu de parceria entre poder público e empresas

Entre o popular e o erudito

O grande dilema de Carlos Bratke e de Luiz Hossaka, jurados do Prêmio ECO 2000 para a área de Cultura, foi escolher entre um programa dirigido a comunidades carentes ou um projeto do porte do Complexo Cultural Estação Júlio Prestes, que, à primeira vista, pode parecer elitista. A dúvida consumiu muitas horas de discussão.

No final, os dois optaram pelo projeto da Associação Viva o Centro, não tanto pela qualidade da sala de espetáculos que São Paulo ganhou, mas pelo impacto que o novo pólo cultural vai trazer à cidade e a toda a população. Urbanista de formação, presidente da Fundação Bienal e do Museu da Casa Brasileira, Bratke aposta que a intervenção numa estação praticamente desativada pode iniciar um processo de retomada do desenvolvimento da cidade pelo impacto que causa na região. “A iniciativa é de primeira grandeza”, opina.

Luiz Hossaka lembra que, sem local para ensaios, a Sinfônica do Estado de São Paulo precisou alugar um antigo cinema no centro da cidade. Agora, com uma sede própria, tem condições de apresentar-se para todos, inclusive em temporadas populares. Curador



Hossaka e Bratke: opção pelo impacto da iniciativa

do Masp – Museu de Arte de São Paulo –, ele se lembra com saudades da época dourada dos trens de luxo da Júlio Prestes e acredita que o projeto, em conjunto com a reforma da Pinacoteca do Estado, nas vizinhanças, deve revigorar a área central.

Para Bratke, a análise dos projetos finalistas confirmou que o País está engajado no processo internacional da cultura, com produtores ligados no mundo e de olho nas tendências que vêm se firmando. Hossaka, que trabalhou com Lina Bo Bardi na implantação do Museu de Arte Moderna da Bahia, no fim dos anos 50, e com Assis Chateaubriand na criação de museus regionais em Olinda (PE), Feira de Santana (BA) e Campina Grande (PB), salienta a importância dos mecanismos de incentivo fiscal. “Sem eles, as empresas não estariam participando tão efetivamente do custeio das atividades culturais.”

dos mais destacados regentes da atualidade – já foi diretor artístico do Teatro Nacional São Carlos de Lisboa, dos teatros municipais do Rio e de São Paulo, do Stadttheater de St. Gallen, e dirigiu a montagem de *Il Guarany*, de Carlos Gomes, com Plácido Domingo, em Washington –, Neschling impôs condi-

ções para aceitar o convite. Uma delas era uma sede definitiva para a Sinfônica, passo indispensável para o novo caminho a ser seguido.

A seu convite, o engenheiro e músico Chris Blair, da Artec, empresa americana que se tornou referência mundial em engenharia de espaços musicais, desembarcou em

São Paulo para ajudar na escolha de um local. O Teatro São Pedro foi descartado por ser pequeno, o Memorial da América Latina, pela acústica. Com Neschling e técnicos da Secretaria da Cultura, Blair visitou a Estação Júlio Prestes.

Inaugurada em 1938, a estação era, na época, o maior e mais suntuoso

Estação reforçará a vocação de São Paulo como metrópole global



terminal ferroviário da América Latina. Sua construção, iniciada em 1926, foi afetada pelo *crash* da Bolsa de Nova York, três anos depois, e por problemas enfrentados pela companhia Sorocabana, que provocaram mudanças no projeto original. De autoria do arquiteto Christiano Stockler das Neves, também responsável pelo primeiro arranha-céu de São Paulo, o edifício Sampaio Moreira, e pelas estações D. Pedro II, no Rio, e do Norte, em São Paulo, o projeto recebeu o Prêmio de Honra no III Congresso Pan-Americano de Arquitetura, realizado em Buenos Aires, em 1927.

O projeto de Neves era muito mais grandioso, o que acabou provocando seu rompimento com a Sorocabana. No entanto, mesmo com alterações, o resultado acabou sendo notável. O estilo Luís XVI, marcado pelo almofadado em granito rosa dos pilares internos, colunas jônicas e coríntias, medalhões com guirlandas, frisos e ornamentos esculpidos, como cabeças de leões, foi preservado. Da mesma forma, se manteve o acabamento com mármore italiano, vitrais, mosaicos, janelas e portões de ferro, e a torre, com 75 metros de altura.

Mas o que mais se destaca no prédio é o Grande Hall, “o maior

salão do Brasil”, como se dizia na época, com 48 metros de comprimento, 20 de largura e 26 de altura. Foram essas dimensões e o formato de caixa de sapatos – o mesmo adotado na construção de salas como a do Boston Symphony Hall, a do Concertgebouw, em Amsterdã, e a da Musikvereinsaal de Viena, reconhecidas por sua excelente acústica.

Começava a nascer a Sala São Paulo, mas a ideia só se tornou possível quando, convidada pelo governo do estado, a Associação Viva o Centro integrou-se ao empreendimento, encarregando-se dos projetos e da busca de patrocínio para eles. “Vislumbramos no projeto a chance de preservar um dos mais valiosos patrimônios arquitetônicos da cidade, criar um espaço de concertos à altura de São Paulo e contribuir para a recuperação do Centro”, diz Almeida.

O projeto continha uma série de desafios. Além do ineditismo de erguer uma sala de espetáculos numa estação de trens, sem interromper sua operação, era preciso respeitar as características originais do prédio, tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat).

Mantendo a nobreza e a austeridade do antigo Grande Hall, a Sala São Paulo – com 1.500 lugares, entre platéia, 22 camarotes e dois balcões – dispõe de todos os recursos da mais avançada tecnologia. O forro móvel é controlado por computadores para ajustar-se aos sons emitidos por grupo de partituras, um por um, podendo subir ou descer até cinco metros. A pureza de som é assegurada ainda por *banners* acústicos, instalados entre a sala e os corredores. Lajes apoiadas em tacos de neoprene, material sintético também usado para produzir roupas de mergulho, evitam vibrações, já que a estação continua funcionando.

A Sala São Paulo foi o primeiro passo para a implantação do Complexo Cultural Estação Júlio Prestes. O conjunto tem espaço para abrigar as instalações da Sinfônica – são nove salas de ensaio, no total – e estão previstos ainda um salão com 250 lugares para música de câmara e um estúdio de gravação. O prédio vizinho, durante décadas ocupado pelo Departamento de Ordem Política e Social (Dops), vai abrigar a Escola Superior de Música. O local, que recebeu presos políticos durante o Estado Novo e o regime ditatorial de 1964, está sendo restaurado. Ligando os dois edifícios, está projetada uma praça, com vista para o pátio ferroviário. Com tratamento paisagístico e mobiliário adequado, o local terá anfiteatros para apresentação de pequenos grupos.

Quando estiver concluído, o Complexo Cultural Estação Júlio Prestes reunirá todas as condições para se tornar um rico e diversificado pólo cultural, que contribuirá para reverter o processo de degradação da região do antigo centro ferroviário e dos bairros de Santa Efigênia e da Luz. E reforçará a vocação de São Paulo como metrópole global. ■



Viva o Centro São Paulo